

**Resenha do livro**

BODEI, Remo. *A história tem um sentido?* Tradução de Reginaldo Di Piero. SP/Bauru: Edusc, 2001, 128p.

*Resenha por: Diogo da Silva Roiz*

*Mestre em História pelo programa de pós-graduação da UNESP, Campus de Franca, foi bolsista CAPES. Professor do departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai*

Quando Karl Löwith publicou, na década de 1940, seu livro: *O sentido na História: implicações teológicas das filosofias da história*, no qual objetivava demonstrar que apenas as filosofias leigas da história se encontravam numa ‘crise’, em função dos questionamentos atinentes aos conflitos mundiais, que naquele momento foram eminentes. E, mais do que isso, revelar que embora àquelas filosofias fossem provenientes da filosofia católica da história, esta não estaria em ‘crise’ justamente porque o sentido que atribuía ao caminho da humanidade encontraria uma finalidade ‘no mistério’. Diferente das filosofias leigas que definiam o fim do trajeto humano em um futuro possível, dentro da própria história humana, o fim na filosofia católica da história estaria no ‘reencontro dos homens com o Criador’.

Na década de 1960, os questionamentos às filosofias leigas da história aumentaram, e ainda perpassavam com mais intensidade as filosofias católicas da história, o que levaria a um redefinição da ‘auto-compreensão’ da cristandade ocidental.

Nas décadas de 1980 e 1990 foi decretado o ‘fim da história’, não apenas pelos acontecimentos políticos e econômicos em processo no período, mas também em obras, como a de Francis Fukuyama: *O fim da história e o último homem*. Ainda que existam tentativas, a maioria das quais esparsas, de se tentar viabilizar o sentido e os fundamentos das filosofias leigas e católicas da história, eventos históricos como o ‘11 de setembro de 2001’ imprimem mais um sentimento de desconfiança, do que de segurança, e às vezes crença, na existência de um sentido e de uma finalidade, quanto ao caminho seguido e a se seguir pela humanidade.

Acontece, entretanto, que desde que os homens e as sociedades se tornaram conscientes de sua existência, buscou-se interpretar não apenas de onde se originaram, mas também, e ainda com mais afinco, para onde *caminharão*. Em outras palavras, sempre se procurou responder as seguintes indagações: para onde caminha e caminhará a humanidade? Qual o sentido (se é que possui algum) dos processos históricos? Para que serve a História?

Em períodos de questionamentos dos referenciais teóricos e metodológicos herdados do passado, e muitas vezes ainda em uso, ocorrem não apenas momentos de ‘incertezas’, mas também de reavaliações, quanto aos referenciais teóricos serem viáveis para se interpretar os homens e as sociedades no tempo, e por extensão, vislumbrar a possibilidade de existir ou não um sentido na trajetória humana. Para Cornélius Castoriadis, em seu livro *A instituição imaginária da sociedade*, a expansão de um ‘novo imaginário social’, não decorre somente pelo aparecimento de circunstâncias oportunas, porque caso não atinja vontades e paixões sociais, o alcance esperado, sobre aquele aparato discursivo, possivelmente, acaba por ser bastante limitado. Portanto, em momentos históricos precisos, em função de ‘eventos históricos traumáticos’ (como guerras, revoluções sociais, econômicas, culturais e políticas), parece surgir em torno daquele contexto social, a circunstância necessária para opor um conhecimento histórico construído

e herdado do passado, ‘novos’ sentidos as formas de se interpretar e escrever a história dos homens e das sociedades no tempo.

Remo Bodei, filósofo italiano, em sua obra: *A história tem um sentido?* (originalmente um curso oferecido no ano de 1994, em Nápoles, no Instituto Italiano para os Estudos Filosóficos, e publicada em 1997, mantendo suas características de linguagem falada, não sendo incluídas notas ou referências), que foi publicada, em 2001, no Brasil, procurou repensar a questão do sentido na História e suas conseqüências nas ações humanas. A obra permaneceu dividida em cinco capítulos e um apêndice metodológico com pequenas biografias dos autores mais citados nominalmente no texto.

Para ele o primeiro problema no qual pairamos atualmente quando buscamos inquirir um sentido na história é que “os nossos critérios de juízo vacilam, corroídos pelo moderno ‘niilismo’ que os desvaloriza e os mina[m] no seu absoluto (...) justamente porque a experiência da perda do passado e dos pontos de referência de cada um é a mais comum entre as experiências universalmente compartilhadas (...) [e que] retorna com frequência em cada literatura” (2001: 9-10). E, nesse sentido, “hoje são poucos os que crêem, por raciocínio e não por fé, que a história tenha um sentido (...) [pois as filosofias da história] revelaram-se todas falazes e a linha que deveria ter ligado os acontecimentos durante uma seqüência orientada foi rompida” (2001: 13).

O segundo problema para ele não é se perguntar “se a história tenha ou não um sentido”, mas antes indagar “como chegamos a pensar que a história tenha sentido”, uma vez que “é o *critério de pertinência escolhido* (e a atitude e a hierarquia das questões relevantes que o guiam) que determina a significatividade ou não dos fatos e prefigura as suas ‘concatenações’ recíprocas em forma de configurações ou de séries” (2001: 15).

Para tanto recorre a uma (re)interpretação dos principais ‘modelos’ teóricos do passado, tentando demonstrar onde os críticos pontuaram seus limites. Porque a ‘crise’ nos ‘modelos’ de interpretação da história, segundo demonstra, não é atual, mas corriqueiramente recorrente, na medida em que transformações drásticas no processo histórico implicariam inevitavelmente uma revisão de nossa herança intelectual ainda em uso. Para ele, desde, pelo menos, o século XIX as ‘filosofias da história’ viriam sendo postas em dúvida, como o fizeram de diferentes modos Droysen, Ranke e Dilthey, na Alemanha, ainda que mantivessem entre seus objetivos analisar o sentido e a finalidade da história. No século XX, a reação as ‘filosofias da história’ se tornou ainda mais contundente, seja “apelando ao relativismo extremo”, ou ainda, buscando “traduzir as filosofias da história em técnicas e teorias narrativas, comparando, de diversas maneiras, a própria história a ‘uma narração verdadeira’” (2001: 62). Todavia, segundo o autor, e o que é pouco observado naquelas críticas, é que toda narração “é *carregada de teoria*, de concepções filosóficas implícitas que condicionam a estrutura e o sentido [a narração]. O fato de hoje, as já exorbitantes pretensões de compreensão e de antecipação dos acontecimentos tenha se reduzido bastante, não implica automaticamente o seu desaparecimento, com a conseqüente ruína de qualquer forma de ‘filosofia da história’, mas o seu ocultar-se pela dificuldade de encontrar critérios de juízo comuns e homogêneos para enquadrar os acontecimentos (...) *a alternativa* [portanto] *não consiste em escolher entre pretensas histórias assépticas (...) e filosofias apriorísticas ou intencionais*, mas sim, no explicitar as premissas subjacentes e as conseqüências hipotéticas de toda narração que pretenda compreender acontecimentos ‘reais’, a fim de poder submetê-las a razoáveis exames críticos, metódicos e comparativos” (2001: 66-7).

Para ele, apoiando-se em Carlo Ginzburg, com vistas a criticar os argumentos de Hayden White, “o que distingue a obra de arte histórica, enquanto romance, da história dos acontecimentos reais, é que esta última baseia-se em *provas*, em controles que não podem

ser substituídos pela habilidade artística do historiador” (2001: 67). Tal como vimos acima, segundo ele, estaríamos em um período de desconfianças com relação as ‘filosofias da história’, por dois motivos principais, quer dizer, “visivelmente faltam os ‘espíritos-guia’ dos acontecimentos”, isto é, não existe mais um império unificador, como pensou Políbio, nem uma caminhada de redenção, como pensaram Agostinho e Da Fiori, ou um salto de épocas, imaginado por Condorcet, ou ainda, uma revolução do proletariado que poria fim ‘as lutas de classes’ em prol de uma sociedade igualitária, como ‘previu’ Marx. E, em segundo lugar, “esvaiu-se a confiança no progresso e no futuro (...) e com ela a crença de que o negativo e o mal na história possam tornar-se o ‘fermento’ do bem e que as fases de extremo sofrimento dos povos sejam simples parênteses do desenvolvimento” (2001: 71). Assim, se perderia e não se conseguiria compreender o “*sentido daquele que deveria ser o resultado global da história [e] mesmo o novo parece assim surgir e declinar ao reclame do eterno retorno do igual*” (2001: 72).

O autor procurou assim demonstrar que, de tempos em tempos, os modelos de interpretação das sociedades são redefinidos, como uma forma de estarem adequados as ‘novas’ formas de composição das sociedades no tempo. Nesse sentido, a história que na Antigüidade Clássica eximia um sentido na História por meio da compreensão da totalidade do espaço geográfico habitado, no início da modernidade aquele modelo interpretativo, juntamente com a escatologia católica, dão lugar a uma narração que se interliga com utopias. Com um sentido interno, não mais no espaço, e adquirindo uma lógica “finalista autônoma, que as velhas formas de narração teológicas não possuíam” (2001: 75). Portanto, o que hoje entrou em ‘crise’ “não são efetivamente a ideologia ou as filosofias da história, mas sim a aliança, estabelecida no final do século XVIII e em vigor até há poucos anos, entre história e utopia” (2001: 76).

A hipótese levantada pelo autor, desse modo, é de que o que definimos como ‘diminuição do sentido histórico’ esteja sendo causado pela “*não crença no fato de que o curso da história se dirige espontaneamente para o melhor*” (2001: 77); já que a ‘crise’ na idéia de progresso esfacelou a reserva de confiança em um sentido histórico precedente aos acontecimentos. Portanto, “*pode-se dizer que a ausência do sentido histórico depende do fato que se perdeu de vista qualquer processo unitário da história sob a guia de um bem individualizado protagonista (...) faltam os critérios de seleção implícitos nos modelos que interpretam o processo histórico como processo unitário guiado por macrosujeitos*” (2001: 78). Desse modo, “*a falta do interesse na integração das histórias locais numa história mundial, e o surgir no seu lugar (...) uma aguda desconfiança com relação aos processos de globalização e de modernização*” observa o autor que “o ponto no qual chegamos poderia, resumir-se na lamentável constatação que parecemos não sermos mais capazes nem de dar sentido a história em geral, nem de retomar para os limites protegidos da história local” (2001: 79).

Remo Bodei demonstra, assim, como ocorreu o processo de perda de sentido nas sociedades contemporâneas, e conclui seu argumento dizendo: “não existe mais (...) nem um protagonista reconhecido, nem um diretor que dê indicações precisas, nem um roteiro que dite o ritmo (...) mas isso não significa que os grandes atores do processo histórico tenham desaparecido, nem que o sentido dos acontecimentos deve ser deixado à deriva. Trata-se antes de saber o que queremos pedir, de localizar retrospectivamente os nossos problemas e de reconstruir e manter atualizada uma nova cartografia, aprimorando os necessários instrumentos conceituais (...) [estando conscientes] que a atual situação, justamente porque ainda obscura nas suas soluções, oferece, a quem deseje aproveitar, espaços de oportunidade entre os quais esculpir algumas das inumeráveis facetas da história de todos” (2001: 79-80).

Ao final dessa instigante leitura, o leitor sairá renovado diante de suas dúvidas (porque tem a oportunidade de revê-las), e esperançoso, em função dos caminhos abertos (e a sua escolha). Contudo, Remo Bodei não deixa de lado que acredita no sentido dos processos históricos, mesmo que esses não direcionem a humanidade, e, em situações limites, nem parte dela (e nesse ponto foi muito íntegro com seu leitor ao mostrar suas posições diante do tema). Não deixou de lado sua ‘esperança’ no progresso ‘material’ e ‘espiritual’ e essa é uma das razões de optar por dizer que os homens e as sociedades devem ‘continuar continuando’ sua trajetória no tempo.